

O Cavaleiro
das
Palavras

A decorative flourish consisting of a central scroll-like element with symmetrical, ornate flourishes extending outwards to the left and right.

Luiz Antonio Aguiar
Ilustrações de Marcelo Martins

O Cavaleiro das Palavras



Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ
Altamente recomendável – Jovem



2ª edição

Editor: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Assistente editorial e

preparação de texto: KANDY SGARBI SARAIVA

Secretária editorial: ANDREA PEREIRA

Suplemento de trabalho: MARIA REGINA BELLUCCI

Revisão: PEDRO CUNHA JR. (coord.)

CID FERREIRA

ELIANE DEL NERO

JULIANA BATISTA

Gerente de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Criação de capa: ALEXANDRE RAMPAZO sobre
ilustração de MARCELO MARTINS

Diagramação: EDSEL MOREIRA GUIMARÃES

Projeto gráfico: HAMILTON OLIVIERI

Produção gráfica: ROGÉRIO STRELCIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguiar, Luiz Antonio

O cavaleiro das palavras / Luiz Antonio Aguiar ;
ilustrações de Marcelo Martins — 2. ed. — São Paulo :
Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-08199-4

1. Literatura infantojuvenil I. Martins, Marcelo. II. Título.
III. Série.

06-7589

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª tiragem, 2019



Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.coletivoleitor.com.br

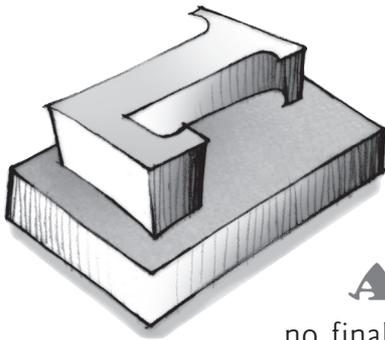
Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

CL: 810048
CAE: 571345

Sumário

1	Eis-me no mundo!	7
2	Pai dos burros	15
3	O jovem escritor mulato	26
4	Conversas entre livros	32
5	Em abandono	42
6	Fogo!	50
7	Carolina	61
8	Uma celebridade	68
	Pós-escrito do autor: quase-Machado ...	78



1

EIS-ME NO MUNDO!

A carroça chegara à gráfica no final da tarde, conforme combinado. Só que, pelo meio da madrugada, ainda não lhe haviam entregado a carga que deveria transportar até o porto. Ficou lá, parada, à porta do casarão comprido, de um único andar, com seu telhado de telhas acumulando limo. O carroceiro e seu ajudante xingavam, esbravejavam ameaças. Quando finalmente o caixote foi liberado, estava caindo um temporal espantoso e fazia muito frio.

Rua da Atalaia, 65, Lisboa. O ano era 1877. Lá se vai bastante tempo, mas são coisas que não se podem esquecer se estão impressas em nós, como é o meu caso.

A porta do casarão foi aberta. Os carroceiros saíram carregando o caixote, com seus tamancos escorregando nas pedras irregulares — chamadas pés de moleque —, que revestiam o chão de barro socado e por entre as quais a água escorria em grossos filetes, que se juntavam numa corredeira pardacenta, descendo a vala central. A cidade estava silenciosa, a não ser pelo gotejar forte sobre os telhados e o calçamento. As chamas dos candeeiros a óleo, no alto dos

postes, haviam sido apagadas horas atrás, e a rua, às escuras e castigada pela chuva, era um cenário desolador.

Atrelada à carroça havia uma parelha de burros sonolentos, que estavam de olhos fechados e imóveis. Apenas suas orelhas pontudas e peludas, vez por outra, estremeciam. O bafo dos animais se transformava em vapor, permanecendo como uma nuvem em volta de seus focinhos. Se alguém passasse, desatento, poderia assombrar-se, acreditando, no primeiro relance, estar vendo mulas sem cabeça.

Mas ninguém passaria por lá àquela hora, ou teria ainda de escutar a voz rouca e ressentida do carroceiro mais velho, proferindo insultos contra a gráfica, contra o pesado caixote que tinha de carregar até a carroça e contra todos os que tivessem a infeliz ideia de mandar remessas de navio de Portugal para o Brasil.

Sim, entrei no mundo sendo recebido por *palavrões*. E transportado por *burros*!

Que irônico!

Os animais acordaram bufando, assustados, quando o carroceiro e seu ajudante atiraram o caixote, com maus modos, sobre a traseira do veículo. Os dois homens subiram na boleia reclamando. O mais velho estalou os arreios no lombo dos burros, gritando algo que mais me soou como um rugido, ou, na melhor das hipóteses, uma praga, mas que fez a parelha se agitar — quem sabe homem e bicho tinham lá sua linguagem em comum, que obviamente não era a mesma que a minha.

Escutei as ferraduras resvalando na pedra lisa e molhada. Os pobres animais enfrentariam um bom par de horas de puxada até o porto, às margens do Rio Tejo. Lá, eu embarcaria